

Manchete

CR\$ 800 • N. 764 • RIO DE JANEIRO, 10 DE DEZEMBRO DE 1966

grande reportagem em cores

OPERACÃO AMAZÔNIA

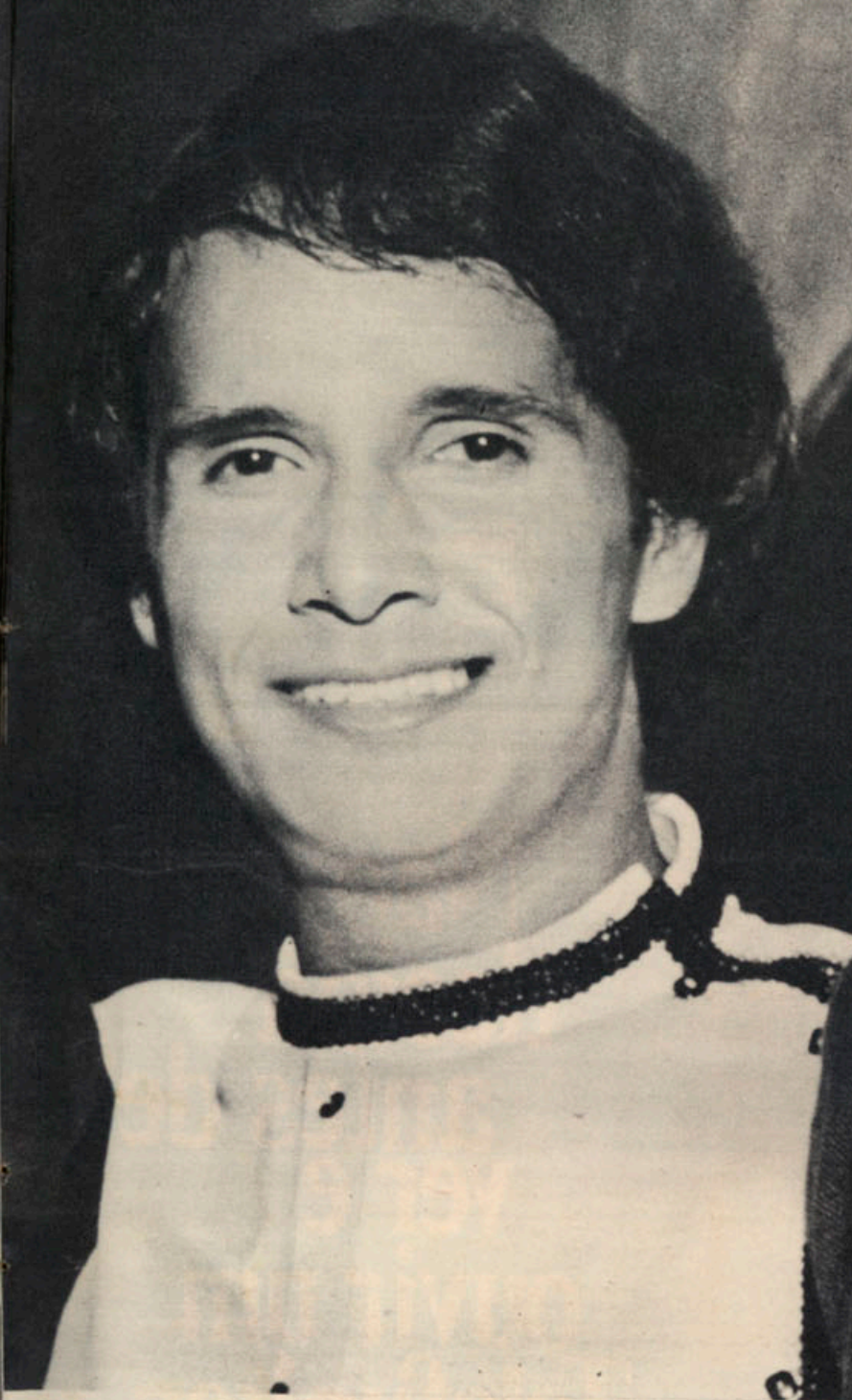
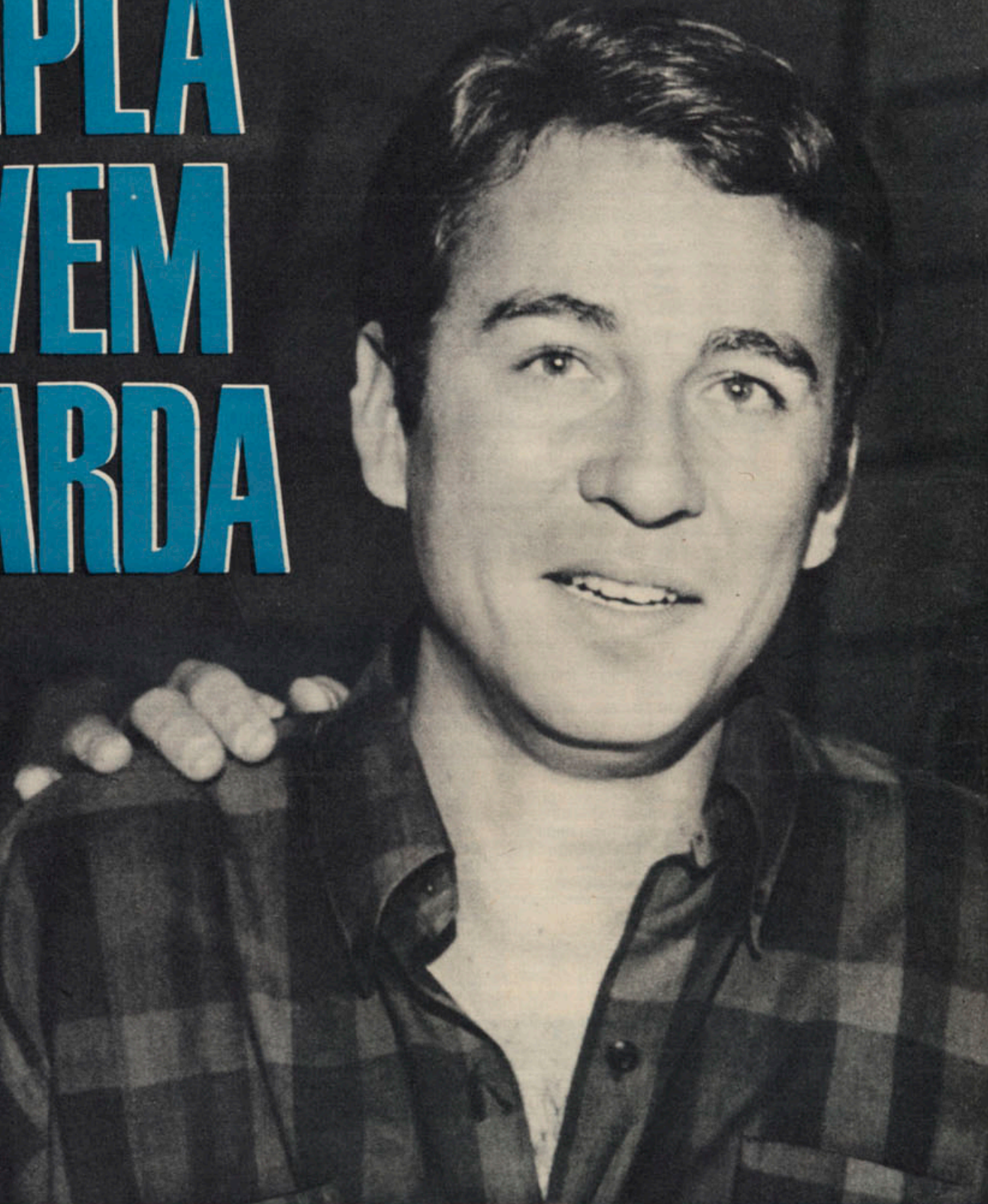
especial

● JK explica o encontro de Lisboa ● Vinicius de Moraes fala de mulheres ● Autocrítica de Alceu Amoroso Lima ● em cores: As grandes estrelas do teatro brasileiro ● Histórico - A revolução vermelha de 1935 ● Personalidades internacionais prevêem o ano 2001



SÃO PAULO • O ESPETACULAR SALÃO DO AUTOMÓVEL

A FRENTE AMPLA DA JOVEM GUARDA



Chico Buarque de Holanda, Roberto Carlos e Geraldo Vandré inauguraram a Frente Ampla da jovem canção. No diálogo dos três, Roberto Carlos se

Nara Leão seduziu Roberto Carlos. Ela o atraiu para a área da música popular brasileira, sem prejuízo de suas interpretações da canção iê-iê, que lhe deu fama e fortuna, e da qual é o rei incontestável no Brasil. Agora, Chico Buarque de Holanda e Geraldo Vandré completam o "serviço", aliciando o jovem ídolo. O diálogo dos três jovens compositores e cantores foi gravado para os leitores de MANCHETE

Chico Buarque — Roberto, você pediu a Nara que escolhesse um repertório de música brasileira para você?

Roberto Carlos — Bem, eu preciso pensar muito antes de fazer repertório nacional.

Geraldo Vandré — Porque pensar muito? Antes de mais nada, quero dizer que considero você um excelente cantor de música popular brasileira.

Roberto — Sabe o que é? Acho que preciso ter muito cuidado, por já estar num gênero e de repente começar em outro. Não sei se teria de começar tudo de novo,

ou pegar a coisa pela metade. Seria assim um...
Chico — Um jôgo?
Roberto — É. Um jôgo.
Chico — E você não gosta de jogar?
Roberto — Gosto.
Vandré — Então, porque não entra no nosso jôgo?
Roberto — Estou na dúvida.
Vandré — Não acha que o grande prestígio que tem, sua grande popularidade, colocado a serviço da música popular brasileira, tra um grande benefício para ela?
Roberto Bem, isso já me com-

pensaria. Se eu representasse alguma coisa...

Chico — Claro que representa. Tem alguma dúvida?

Roberto — Sou suspeito para dizer qualquer coisa.

Chico — Você não tem suspeita quanto à sua popularidade, tem?

Roberto — Não. Até aí, não.

Vandré — Então, seria só uma questão de colocar a sua popularidade a serviço da nossa canção.

Roberto — Me alegra muito ouvir isso. Principalmente partindo de você, Vandré. Mas fazer música, para mim, embora viva dis-

so, não é um negócio. A música é a música. Ela não deve ser feita para servir a outros interesses. Ao menos a minha, eu só faço quando tenho vontade e do jeito que tenho vontade.

Vandré — Certo, não é um negócio. Mas tem dado bastante dinheiro, não?

Roberto — Não posso me queixar. Mas não componho para faturar. Se faturar, é outro problema.

Chico — De qualquer forma, deve ser bom faturar como você.

Roberto — Sei que seu cachê até

o Festival era perto de 500 contos, não é, Chico? Sei também que vai ganhar três milhões e meio para cantar em Paranaguá. De modo que também estou em situação de perguntar: é bom faturar, Chico Buarque?

Chico — Bom, lá isso é. Essencial é que não. Ou, ao menos, não é a única coisa importante para quem faz música.

Roberto — E você, Vandré, o que diz quanto a faturar?

Vandré — Com música, recebi pouco até agora.

SEGUE

Os jovens compositores reconhecem em Roberto Carlos o mérito de saber comunicar-se musicalmente com o imenso público das crianças, até então ignorado

Roberto — Mas seu nível de vida não é dos piores.

Vandré — Tenho outra profissão. E minha vida não é das melhores, não.

Roberto — Que profissão?

Vandré — Fiscal da Sunab.

Chico — Por falar em trabalho, que tal seria trabalhar do outro lado, Roberto? Quer dizer: jogar no nosso time? Você acha que corre o risco de comprometer essa popularidade toda, mudando de time, ou melhor, de gênero musical?

Roberto — Não, acho que não. Mas isso tudo é um negócio muito sério. Tenho pensado bastante. Acharia muito bacana cantar música brasileira. Inclusive, em todas as oportunidades que tenho, canto. E evito gravar versões.

Chico — Porque não grava Amélia? Seu sucesso, quando canta a música de Mário Lago e Ataulfo, é evidente. E no Festival, você conseguiu um rendimento tão grande para um tipo de canção que não é o seu, que prendeu muita gente. Inclusive a mim.

Roberto — Muito obrigado.

Vandré — Você cantou com uma segurança que poucos cantores conseguiram. Daí a gente fica sem saber porque você duvida tanto em partir para isso.

Roberto — Não é duvidar, é... Estão vendo, eu não disse a vocês que não sou de falar?

Chico — Já disseram que você não muda porque, no iê-iê, vem sendo único, e na música brasileira seria apenas mais um. Endossa isso?

Roberto — É duro responder a êses caras.

Chico — Está bem, vamos mudar de assunto. Concorde com o empate de **Disparada** com **A Banda**?

Roberto — É o primeiro empate de dois caras que jogam no mesmo time.

Vandré — E nesse time tem camisa sobrando. É só você querer.

Roberto — O empate foi bacana. Achava mesmo que essas duas músicas deveriam ganhar os dois primeiros lugares. Mas achava também que uma outra poderia ter sido classificada no Festival.

Chico — Flor Maior?

Roberto — O "bloco". Lá Vem o Bloco. Não sei se minha opi-

nião vai de encontro com a de vocês. Que acham?

Chico — Minha opinião aí é um pouco... Viu, eu também disse que não sou de falar muito...

Roberto — Está fugindo da opinião?

Chico — Eu daria um melhor lugar para a música de Gilberto Gil, defendida por Elis Regina: **Ensaio Geral**.

Roberto — Não foi o que eu perguntei.

Chico — Também gostei muito da canção de Sérgio Bittencourt.

Roberto — Não foge, cara!

Chico — Bem... Lá Vem o Bloco é boa, mas...

Roberto — Mas não mereci classificação. É isso?

Chico — Não sei, não.

Roberto (para o repórter) — Não vale. Quando chega a minha hora de perguntar, eles fogem. Paramos por aqui. Desliga esse gravador.

Vandré — Pode perguntar.

Roberto — Mais uma para o Chico: você detesta minhas músicas?

Chico — De jeito nenhum.

Roberto — Gosta um pouco delas?

Chico — Quem disse que é um pouco?

Roberto — Do que é que você gosta?

Chico — Você consegue um negócio importantíssimo. Consegue se comunicar com um público que a gente não pode ignorar: as crianças. Mesmo quem está em outras correntes musicais, como Vandré, como eu mesmo, tem que pensar muito nisso. Você encontrou um caminho para chegar ao público infantil. Por isso, eu considero sua obra importante.

Roberto — Perdão, mas você também já conseguiu isso com **A Banda**.

Chico — É justamente o que me deixa mais feliz por ter feito **A Banda**. Não a fiz deliberadamente para atingir o público infantil. Apesar de estar sempre preocupado em me comunicar com as crianças e adolescentes, só agora sinto o quanto é bom falar de perto a eles.

Roberto — Sua vez, Vandré. Prepare o seu coração para as coisas que eu vou perguntar.

Vandré — Manda brasa.

Roberto — A comunicação direta com o público é importante para você também?

Vandré — Se componho, é só para me comunicar.

Roberto — Suponho que seja importante a comunicação com todo tipo de gente: criança, jovem, velho, menina, moça. Hem?

Vandré — Para você ter uma idéia, digo apenas que uma das minhas maiores alegrias foi saber que Tonico e Tinoco gravaram a **Disparada**. Essa é a minha grande oportunidade de chegar direto ao homem do sertão. De me comunicar com o campo, de um jeito mais completo que a comunicação urbana conseguida por Jair Rodrigues.

Roberto — Quando diz que quer falar ao povo, quer que o povo compreenda a sua fala. Estou certo até aqui?

Vandré — Completamente.

Roberto — Porque não fazer letras mais simples, então?

Vandré — Minhas letras são simples. Talvez não tanto quanto a dos outros. O que eu procuro é não confundir simplicidade com simplificação.

Chico — Roberto, me ensina como é que a gente faz pra fugir dos beijos, na rua. Me diz, por favor. Eu não quero magoar ninguém, mas ser beijado toda hora é fogo!

Roberto — Eu não fujo. Só isso.

Vandré — Olha, Roberto, eu sei que você tira de sua canção o rendimento máximo, mas você não preferiria fazer uma coisa mais séria? Com uma vinculação assim...

Roberto — Festiva?

Vandré — Se você pudesse escolher entre a música brasileira e o iê-iê, continuaria optando pelo iê-iê?

Roberto — Gosto dos dois gêneros. E, além disso, comecei cantando bossa nova.

Vandré — Quer dizer, sua opção inicial foi a música brasileira.

Roberto — Exato. Minha intenção, no início, era ser cantor de música brasileira. Depois que fiz uma experiência no iê-iê, me acostumei com o gênero. Acabei achando nêle alguma coisa boa, e passei a gostar. Acho, inclusive, que o iê-iê melhorou muito, de uns tempos para cá.

Chico — Você faria um samba?

Roberto — Não só faria, como fiz. Até gravei samba meu. Acontece que, estando numa corrente musical, eu tenho que

Nara e Chico Buarque estão dispostos a "reconverter" RC ao samba.



me dedicar a ela, fazendo dentro dela o melhor que puder. Não sei até onde consigo chegar, mas procuro fazer tudo com seriedade e convicção.

Chico — Significa que você criou um compromisso com o gênero.

Roberto — E com o público também.

Chico — E acha que o compromisso com o público vai se alterar se você mudar de gênero?

Roberto — Não, não.

Chico — Vai ver que esse compromisso é com o pessoal que o cerca. Com essa gente que canta o mesmo tipo de música que você. Seus amigos. Bem, acha que tem algum compromisso com essas pessoas? Um compromisso mais pessoal do que artístico?

Roberto — Estou bastante comprometido.

Chico — Mas com quem? Com a turma, ou com o público e o gênero?

Roberto — Comigo mesmo. Porque já me identifiquei com o público, com o gênero e com a minha turma.

Vandré — Você preferiria fazer sucesso gravando **A Banda** ou **Quero que vá Tudo Para o Inferno**?

Roberto (pausa longa) — Ainda bem que um disco tem dois lados...

Chico — Quando João Gilberto esteve aqui, mostrei a ele o iê-iê que se fazia aqui, do qual eu não esperava nada. Quando ele ouviu você, falou: "Conheço esse rapaz. O nome dele é Roberto Carlos. Ele é muito musical." A opinião de João Gilberto é importante para você?

Roberto — Isso é ponto pacífico: acho importantíssima a opinião de João Gilberto.

Chico — Se você acredita nisso, porque não seguir pelo caminho aberto por João? É tão mais importante!

Roberto — Vou repetir. Comecei por esse caminho. Até dizem que eu cantava parecido com o João. De repente, encontrei um jeito mais fácil de me comunicar. E comunicar é que é importante, segundo nós todos.

Vandré — É que a música brasileira, no momento em que você surgiu, padecia de uma dose muito grande de pseudo-intelectualismo. Vivia distanciada do público.

Roberto — Foi o que eu quis dizer.

Chico — Mas me diga uma coisa: você vai ou não vai gravar música brasileira? Pediu ou não pediu a Nara para te ajudar a escolher repertório?

Roberto — Pedi. Nós conversamos a respeito. Então eu falei: "Nara, já pensou? Eu gravar uma música do Chico?" E ela respondeu: "Que é que tem isso demais? Grava!" E eu já falei com a gravadora para lançar um disco meu, totalmente dedicado à música brasileira.

Vandré — Ótimo!

Chico — Acho que chega, não?

Roberto — Graças a Deus.